

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**Karl Popper e Theodor Adorno: um debate sobre a
lógica das ciências sociais**

Letícia Barbosa Pimentel
Matrícula: 106019375
E-mail: lbarbosap@gmail.com

Orientador: Prof^ª Angela Ganem
E-mail: aganem@terra.com.br

2011

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a)

Para meus pais, Ana e Geraldo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram e contribuíram, direta ou indiretamente, para minha formação profissional e pessoal e, em particular, à professora Angela Ganem cuja orientação tornou esta monografia possível.

Índice

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - Apresentando os autores: Karl Popper e Theodor Adorno.	8
I.1 – Karl Popper e o método dedutivo da prova	8
I.2 – Karl Popper: comentários adicionais	11
I.3 – Theodor Adorno/ Max Horkheimer e a dialética do esclarecimento	12
I.4 – Theodor Adorno e a dialética negativa	14
CAPÍTULO II – As 27 teses de Popper: a lógica das ciências sociais	18
II.1 – A origem do conhecimento e seu caráter provisório	18
II.2 – Crítica ao indutivismo e à neutralidade científica	21
II.3 – O papel da crítica para a lógica dedutiva	23
II.4 - A sociologia como uma ciência autônoma e o Método da Lógica Situacional	24
CAPÍTULO III – A réplica de Theodor Adorno: sobre a lógica das ciências sociais	26
III.1 - Crítica quanto ao método de Popper e à natureza do objeto	26
III.2 – Crítica quanto à objetividade científica	28
III.3 – Crítica quanto à natureza da crítica e da sociologia	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

Introdução

Esse trabalho visa apresentar a exposição de dois grandes pensadores do século XX, Karl Popper e Theodor Adorno, acerca da lógica das ciências sociais, no Congresso da Sociedade de Sociologia Alemã em 1961. As posições defendidas e o debate entre os dois autores foram posteriormente transformados em texto. É com base nessas explicações que essa monografia se desenvolve. Antes, porém, as principais idéias de cada autor acerca dos temas tratados (método, ciências sociais, sociedade) são brevemente colocadas para que se possa ter uma visão mais completa do confronto. Como os autores têm obras extensas e complexas, buscou-se manter o foco nas questões mais importantes para a compreensão do debate sobre a lógica das ciências sociais.

No primeiro capítulo são expostos alguns conceitos importantes de Popper e Adorno. No que diz respeito à obra de Popper, são exploradas principalmente as idéias contidas no livro *A Lógica da Pesquisa Científica* (1989), o que inclui a apresentação de seu “método dedutivo da prova” e alguns importantes conceitos que estão implícitos e explícitos na formulação deste método. Ademais, apresentam-se também as idéias de Popper acerca da existência ou não de uma unidade metodológica entre as ciências naturais e as ciências sociais contidas em duas importantes obras deste pensador: *A Miséria do Historicismo* (1956[1944]) e *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* (1979[1945]).

Quanto à apresentação de algumas idéias de Adorno, duas obras foram escolhidas como referências para compreender a dialética proposta por ele. A primeira é *Dialética do Esclarecimento* (2006), escrita com Horkheimer. A partir dela apresenta-se o conceito de “esclarecimento” como base do ideal de ciência moderna. Os autores, então, fazem a crítica deste ideal como forma de ver o mundo, a ciência e a razão. A segunda obra é a *Dialética Negativa* (2009) e nela é apresentado então o que Adorno entende acerca do papel da filosofia, buscando um resgate entre o pensar e o pensado e uma aproximação não violenta ao objeto estudado.

No segundo capítulo, a fala de Popper no Congresso é exposta e analisada. A explicação foi dividida em quatro partes. A primeira diz respeito à questão da origem do conhecimento e a

importante conclusão filosófica de Popper acerca da provisoriedade do mesmo. A segunda se concentra na crítica de Popper ao que ele considera como mitos: o indutivismo e a neutralidade científica. Na terceira sessão é discutido o papel atribuído a crítica dentro de seu método. Por fim, Popper trata da autonomia da sociologia e formula seu método específico para as ciências sociais, denominado de “*método da lógica situacional*”.

No terceiro capítulo, trataremos da réplica de Adorno. Esta também foi dividida em seções. A primeira diz respeito a crítica feita ao método proposto por Popper e à natureza do objeto de estudo, a sociedade. Na segunda está contida a crítica ao ideal de objetividade científica apresentado por Popper. Finalmente, a terceira diz respeito a divergência de Adorno acerca do conceito de crítica apresentado por Popper e também expõe o debate acerca da natureza da sociologia.

Por fim, nas considerações finais buscamos refletir sobre a importância dos debates sobre metodologia dentro das ciências sociais e da economia. Mais especificamente, buscamos ressaltar a importância deste debate, entre Popper e Adorno, posto que são representantes emblemáticos de importantes correntes de pensamento do século XX (racionalismo crítico e a dialética da Escola de Frankfurt, respectivamente). A partir desta reflexão, novos e mais aprofundados debates poderão se construir num momento posterior.

CAPÍTULO I – Apresentando os autores: Karl Popper e Theodor Adorno

É importante, antes de expor o debate ocorrido entre os dois autores, apresentar algumas de suas idéias e conceitos principais. Ressalte-se que, neste trabalho, não se pretende explicitar nem esgotar todo o conteúdo teórico destes intelectuais, posto que ambos têm obras e pesquisas demasiadamente amplas e complexas para que seja possível abarcá-las aqui. O que se propõe neste primeiro capítulo é uma breve introdução a Karl Popper e Theodor Adorno, colocando pontos de suas trajetórias e trabalhos que sejam relevantes para melhor compreender suas respectivas exposições acerca da lógica das ciências sociais.

1.1 Karl Popper e o método dedutivo da prova

Uma obra fundamental para compreender a abordagem de Popper acerca da ciência e do conhecimento é *A Lógica da Pesquisa Científica*, publicada pela primeira vez em 1934 e traduzida para o inglês numa edição de 1959, quando ganhou notoriedade.

Já no início Popper (1989) coloca qual seria o objetivo deste trabalho:

“A tarefa da lógica da pesquisa científica, ou da lógica do conhecimento, é, segundo penso (...), analisar o método das ciências empíricas”

A partir daí, ele destaca alguns problemas fundamentais no que diz respeito a esse método. O primeiro desses problemas seria o da identificação entre as ciências empíricas e a lógica indutiva. Uma inferência seria considerada indutiva quando parte de enunciados particulares (observações, experiências) para chegar a enunciados universais (teorias, hipóteses). A questão colocada por Popper é: qual seria a validade ou verdade desses enunciados universais baseados em experiências? A resposta para Popper é: nenhuma, pois basta um contra-exemplo para anular um postulado universal baseado em observações singulares. Cabe aqui, também, explicitar o que Popper entende por ciência empírica e, portanto, por ciência (pelo menos nesse trabalho). Para ele, ciência empírica é aquela que pretende representar o “mundo real” ou o “mundo da nossa experiência”. Por pensar de tal forma, ele

propõe um novo método para as ciências (sem distinção), o “*método dedutivo da prova*” (Popper, 1989).

Esse método, também chamado de “*falsificacionismo*”, pode ser descrito da seguinte maneira. Primeiramente, são feitas conjecturas especulativas, hipóteses, que têm o objetivo de superar problemas encontrados por teorias anteriores. O segundo passo é a prova lógica, ou seja, a certificação de que se podem deduzir logicamente as conclusões das premissas. Por fim, essas teorias devem ser rigorosamente testadas, através de observações e experimentos. Se a teoria for refutada pelo teste, será eliminada; se passar no teste, será provisoriamente aceita. Dessa forma, a ciência progride por tentativas e erros (Chalmers, 1993). A partir dessa descrição, podem-se extrair importantes idéias de Popper, explícitas e implícitas nela.

A primeira delas é a solução encontrada por ele para o problema da demarcação. Este problema é o de estabelecer um critério segundo o qual seria possível distinguir as ciências empíricas dos sistemas metafísicos. A respeito deste ponto, Popper faz uma crítica aos positivistas afirmando que o objetivo destes quando procuram um critério de demarcação é desqualificar a metafísica, colocando-a no campo da não significação. Ele considera que esta posição dos positivistas, cientificamente neutra e expurgada de valores, resulta precisamente no contrário do que se pretendia, ou seja, no aprisionamento da ciência dentro do âmbito metafísico (Ganem, 2009).

Popper enxerga na falseabilidade de um sistema teórico o critério de demarcação a ser utilizado. Para que uma teoria seja considerada científica ela deve ser faseável. Uma teoria não faseável é considerada como não científica. A falsificabilidade ocorre quando uma proposição teórica pode ser refutada, contradita através de provas lógicas ou empíricas.

Há duas ressalvas, feitas por Popper, a respeito desse tema. A primeira consiste na assimetria entre a verificabilidade e a falsificabilidade. Não é possível derivar enunciados universais de enunciados singulares, mas é possível contradizer enunciados universais através de enunciados particulares. A segunda é uma resposta à possível objeção de que nem todo sistema teórico possa ser conclusivamente falseado. Isto poderia ocorrer através da

adição de uma hipótese *ad hoc*, ou mesmo através da recusa de reconhecimento a uma experiência falseadora. Como resposta a essa crítica, Popper afirma que um método empírico deve se caracterizar por expor à falsificação, de todas as maneiras possíveis, a teoria testada.

A segunda idéia, que está implícita nesse método, é a de identificação entre a teoria do conhecimento e a teoria do método empírico. Segundo Popper (1989):

“A teoria do conhecimento, cujo objetivo é a análise do método ou processo próprio da ciência empírica, pode, nesses termos, ser descrita como uma teoria do método empírico – uma teoria daquilo que usualmente é chamado de ‘experiência’”

Além disso, esse sistema deve obedecer a três condições. Primeiro, ele deve ser sintético, ou seja, deve representar um mundo não contraditório, um mundo possível. Em segundo, deve ser não metafísico, satisfazendo assim o critério de demarcação. Finalmente, ele deve ser o único representativo de nosso mundo de experiência. Mas como identificar esse sistema único? Através da aplicação do método dedutivo da prova (Popper, 1989).

Uma última e importante conclusão filosófica que pode ser extraída do método dedutivo da prova: o da impossibilidade de se alcançar a verdade. Para Popper, se uma teoria ainda não foi refutada isto significa, apenas, que esta é a melhor teoria disponível. Isso não quer dizer, no entanto, que esta mesma teoria não possa ser refutada por testes posteriores. O que Popper deseja ressaltar neste ponto é a questão da provisoriedade do conhecimento.

Essa idéia popperiana serve de base para entender seu posicionamento contra o pensamento dogmático e, portanto, contra o positivismo e o que ele denominou de historicismo marxista. O pensamento dogmático no positivismo é representado pela perseguição da verdade absoluta ditada pela observação ou pela lógica (Ganem, 2009). Já sua crítica ao historicismo e ao método de Marx pode ser mais bem entendida através de duas outras obras de Popper: *A Miséria do Historicismo* (1956[1944]) e *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* (1979[1945]). Sobre esses dois trabalhos, faremos um breve comentário na próxima seção.

1.2 Karl Popper: comentários adicionais

Segundo Ganem, o objetivo de Popper nesses dois trabalhos citados acima, *A Miséria do Historicismo e A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, é criticar a perspectiva marxista de que seria possível encontrar leis gerais e unívocas para a história. Ele visava então substituir a utopia socialista pelo ideal reformista e mais viável de uma sociedade democrática nos marcos do capitalismo (Ganem, 2009).

Não nos estenderemos numa maior compreensão e explanação de todas as idéias presentes nesses trabalhos. Como mencionado anteriormente, nos concentraremos nas questões relevantes para o entendimento do debate acerca da lógica das ciências sociais a ser apresentado. Nesse âmbito, cabe ressaltar a posição de Popper em relação à separação entre ciências naturais e ciências sociais.

Na *Miséria do Historicismo*, Popper defende a existência de uma unidade metodológica entre as ciências sociais e as naturais. Ele contrapõe à existência de uma lei da evolução da sociedade a idéia de um processo que ocorre segundo leis causais, cujo conteúdo e conseqüências devem ser testados (Ganem, 2009). Em outras palavras, ele coloca seu método dedutivo da prova a serviço também da compreensão das ciências sociais.

Já na *Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, Popper inicia um movimento no sentido de enxergar as especificidades das ciências sociais. Este se reflete na crítica que faz ao psicologismo e na visão de uma autonomia para a sociologia. A autonomia da sociologia se dá, segundo Popper, pois não é possível explicar as ações humanas através de motivações psíquicas. Deve-se, ao invés disso, observar as condições gerais, o ambiente social, as instituições. Nesse ponto ele se aproxima de Marx, mas faz questão de ressaltar que seu método, ao contrário do método marxista, é individualista (Ganem, 2009).

A partir daí Popper começa a desenvolver a separação da ciência social em relação às outras ciências experimentais. Cisão esta que chega a seu ápice na apresentação da “*lógica situacional*” contida em sua exposição no Congresso da Sociedade de Sociologia Alemã, em

1961. Essa exposição foi publicada sob o título de *A Lógica das Ciências Sociais* (1978) e será pormenorizada no segundo capítulo desta monografia.

Em seguida analisaremos duas importantes obras de nosso segundo autor, Theodor Adorno. A primeira delas será a *Dialética do Esclarecimento*, escrita com Horkheimer e publicada em 1947. A segunda será a *Dialética Negativa*, de 1966. Com isso, busca-se compreender a dialética proposta por Adorno.

1.3 – Theodor Adorno/ Max Horkheimer e a dialética do esclarecimento

Nesse trabalho Adorno e Horkheimer procuram entender o ideal moderno de ciência - proveniente do conceito que eles apresentam como “esclarecimento” – e fazem a crítica desse ideal como forma de ver o mundo, a ciência e a razão.

Os autores iniciam sua exposição sobre o esclarecimento dizendo que a função deste, dentro do âmbito do progresso do pensamento, é a de livrar os homens do medo e torná-los senhores de seus próprios destinos. Segundo eles (Adorno/ Horkheimer, 2006):

“O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”

Para os pensadores, o objeto desse medo que desencadeia a tentativa de desencantamento e dominação do mundo é o desconhecido. Desta forma, os mitos, muito antes da ciência, já eram produto do esclarecimento. Isso porque buscavam romper com a imprevisibilidade das forças naturais (Perius, 2006). Para os autores, “*o esclarecimento é a radicalização da angústia mítica*”. Nada pode ficar de “fora”, pois a idéia de “fora” é justamente a fonte da angústia (Adorno/ Horkheimer, 2006).

O esclarecimento, no entanto, pretende substituir os mitos pelo conhecimento como a forma de dominação da natureza. O animismo mítico é visto como a projeção do medo pelo natural e é reduzido a um princípio único: a subjetividade. Adorno, aqui, ressalta uma contradição do esclarecimento. Ao colocar a relação entre homem e natureza de forma unilateral – a

natureza é somente um objeto para o sujeito esclarecido – o esclarecimento repete o funcionamento do mito. A natureza, para o esclarecimento, ainda é um lugar onde a subjetividade projeta suas fórmulas (Perius, 2006).

Essa racionalidade que é a base do processo de esclarecimento leva, cada vez mais, a uma identificação do saber com o poder. O que não pode se adequar as formas e conceitos é banido para o reino dos mitos, do animismo, da não ciência. Com isso, a natureza pode se tornar objetiva, mensurável, e o sujeito torna-se aquele que se apropria dessa natureza esclarecida. Esse acabou por se tornar o ideal moderno de ciência e a modernidade é justamente o período histórico em que essa racionalidade torna-se absoluta (Perius, 2006). Nas palavras dos autores (Adorno/Horkheimer, 2006):

“Através da identificação antecipatória do mundo totalmente matematizado com a verdade, o esclarecimento acredita estar a salvo do retorno mítico. Ele confunde o pensamento e a matemática”

A realização desse ideal moderno de ciência leva a uma instrumentalização do pensamento e a uma simplificação do conceito (Perius, 2006). A partir daí ocorre a identificação do mundo matematizado com a verdade, do procedimento matemático com o ritual do pensamento e do pensamento com o mundo. O fato se torna a única referência e todos os sujeitos devem ser submetidos ao formalismo lógico. Desta feita, a razão se subordina ao imediatamente dado. Nas palavras dos pensadores (Adorno/Horkheimer, 2006):

“O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado”.

Ademais, esse ideal moderno de ciência gera também a supressão da individualidade e do novo. A razão instrumental se sobrepõe à heterogeneidade da natureza e dos indivíduos. Aí, Adorno aponta o elemento regressivo da utilização dessa razão instrumentalizada: os sujeitos passam de autônomos para objetos e se tornam valor de troca dentro do processo

social de produção. O trabalho, antes emancipatório, é engendrado num sistema que o utiliza como forma de dominação da natureza e de exploração dos homens pelo capital. Sendo assim, o progresso deixa de ser libertador, por mais que ainda signifique uma expansão do domínio da razão (Perius, 2006).

O que Adorno problematiza não é a existência dessa razão formal no seio da ciência. Ele mesmo reconhece que sem objetivação não há pensamento. O que está sendo criticado aqui é a extensão dessa racionalidade formal, instrumentalizada, a toda realidade. Isso, segundo Adorno, impossibilita uma compreensão mais ampla do mundo, impossibilita a sobrevivência de uma potencialidade crítica e emancipatória do pensamento (Perius, 2006).

A partir daí, desse empobrecimento da razão, é que se coloca a especificidade do pensamento filosófico. Este terá de ser um pensamento dialético, uma tensão entre a experiência do objeto e o objeto em si. Para Adorno, é de suma importância recolocar a separação entre o pensar e o pensado, preservando desse modo a tensão entre pensamento e realidade tão necessária ao pensar filosófico.

1.4 Theodor Adorno e a dialética negativa

Na Dialética Negativa, Adorno busca apresentar uma dialética em contraposição à dialética idealista hegeliana. Neste último, o sujeito é o portador da verdade e há a crença de que a razão em suas infinitas possibilidades pode fazer com que seja possível ao espírito humano através do conceito esgotar o real e também apresentar soluções para seus problemas (Ganem, 2009). Em Hegel, não há separação entre o pensar e o pensado, o sujeito e o objeto, o conceito e a realidade.

Adorno recupera, a partir dessa crítica, a importância da separação entre o conceito (pensar) e o objeto (pensado). A consciência do abismo entre essas duas categorias resulta do reconhecimento da insuficiência do pensamento e dos conceitos em explicar a realidade, idéia esta é essencial para a compreensão da dialética adorniana.

Para se chegar à verdade de algo particular deve-se confrontar o objeto com aquilo que ele não é. A negatividade é um elemento essencial ao próprio conceito. Este deve apontar para fora de si mesmo e este além do conceito lhe é constitutivo (Perius, 2006). Segundo o filósofo (Adorno, 2009):

“(...) a dialética negativa rechaça o princípio de unidade, onipotência e superioridade do conceito”

Segundo Perius (2006), o conhecimento para Adorno é:

“um escutar o objeto, um estar atento a potencialidade interna do material para, no processo de interpretação, agrupá-lo, sem violentá-lo, em constelações”

Em lugar de elevar o conceito a instância de verdade, Adorno coloca que deve ser dada prioridade ao objeto. Somente dessa forma é que se pode garantir a persistência do pensamento crítico. É importante afirmar que isto não implica na eliminação do sujeito. Pelo contrário, o sujeito se transforma de uma categoria lógica, um sujeito puro, para um sujeito vivo. Com isso, transforma-se também a noção de objeto, que não é algo imediato, mas sim o local onde se manifesta a tensão entre o conceito (sua identidade) e o que está além do conceito, o que este não consegue apreender (Perius, 2006).

Nos sistemas idealistas, a não separação entre pensar e pensado, ou seja, a transformação do objeto em realidade destituída de diferenças faz com que o sujeito perca a relação com o seu outro. Isto, então, leva à perda da possibilidade de crítica do sistema (Perius, 2006).

Dessa forma, a dialética deve permanecer nesse elemento negativo do objeto, sem tentar transformá-lo em positividade, sem pretender uma reconciliação com o real. Isso implica na aceitação de que as contradições da realidade não são solucionáveis através de categorias lógicas, previamente estabelecidas (Perius, 2006).

A prioridade do objeto implica em reconhecer que o conceito só existe e subsiste em seu outro, no que está além dele mesmo. Significa partir do princípio de que existe uma inadequação entre o real e

o racional, e reconhecer que a realidade nega constantemente o conceito em suas contradições (Perius, 2006).

Isso, no entanto, não faz com que não haja uma verdade objetiva. O que ocorre é apenas uma mudança na forma de enxergar essa verdade. A verdade não é mais uma lei segundo a qual a realidade ocorre. Ela passa a ser uma composição de imagens históricas, “constelações” que iluminam a realidade (Perius, 2006). Para Adorno, devem-se trazer à tona as mutilações, as divisões, as degradações, o que é oprimido, impotente e não funcional, num mundo que é caracterizado pelo princípio da equivalência na troca e na identidade (Ganem, 2009).

Para que isso seja possível, Adorno sugere a recuperação do significado de duas instâncias. Primeiramente, o sujeito deve voltar a ser visto como composto por elementos diversos e não somente como um sujeito formal, parte de uma instância lógica. É importante que se reconheça o sujeito também enquanto empírico. Ademais, é importante considerar o sujeito tanto enquanto um indivíduo particular como enquanto uma consciência coletiva, pois estas duas definições subsistem dentro do sujeito e se constituem reciprocamente. A filosofia, no entanto, tem dificuldade de enxergar o sujeito de forma dicotômica e contraditória, pois isso seria impossibilitar sua definição dentro de uma instância lógica. Isso levaria o pensamento a confrontar-se com aquilo que é visto como sua grande ameaça: o seu outro (Perius, 2006).

A segunda instância a ser recuperada é a experiência. Deve-se buscar na experiência não aquilo que se encaixa no âmbito do conceito, mas sim aquilo que é abstraído dela. É nesse elemento misterioso que se encontra a essência da experiência. O conceito, porém, não deve ser jogado fora, posto que nos permite pensar o objeto. Somente é importante atentar para o fato de que o conceito não esgota o objeto em todas suas qualidades, nem o substitui (Perius, 2006).

É justamente nesse último ponto que se encontra a nova perspectiva de filosofia proposta por Adorno. Uma filosofia que toma consciência da impossibilidade do conceito de esgotar a realidade, mas ainda o reconhece como o único meio de pensar filosoficamente. Uma filosofia que não é pensada como um sistema, mas sim como uma construção de constelações, de imagens históricas. Dessa forma, ela se volta para aquilo que foi abstraído do conceito, o que escapou ao conceito no ato

de apreensão da realidade. Com isso, uma nova aproximação do objeto é possível, uma aproximação não violenta, que não parte do princípio da dominação (Perius, 2006).

CAPÍTULO II – As 27 teses de Popper: a lógica das ciências sociais

Agora que já foi feita uma breve introdução às idéias mais relevantes de cada autor para a discussão proposta sobre a lógica das ciências sociais podemos introduzir o debate ocorrido no Congresso da Sociedade de Sociologia Alemã, em 1961. Primeiramente, apresentaremos a explanação de Karl Popper, intitulada de “*A Lógica das Ciências Sociais*” (1978) e composta por 27 teses. A idéia deste capítulo é dar uma visão geral das teses, mas com um olhar mais atento e detido nas questões concernentes a origem do conhecimento, a provisoriidade do mesmo e ao método construído por Popper ao longo da exposição.

II.1 – A origem do conhecimento e seu caráter provisório

As três primeiras teses de Popper se concentram no tema central da lógica do conhecimento popperiano: a tensão entre conhecimento e ignorância, entre o saber e o não saber. Popper afirma que ao mesmo tempo em que conhecemos muito, nossa ignorância é também ilimitada (Popper, 1978). Um passo a frente no conhecimento significa também um aumento da ignorância, pois surgem novos problemas a partir do novo conhecimento. Segundo ele (Popper, 1978):

“A cada passo adiante, a cada problema que resolvemos, não só descobrimos problemas novos e não solucionados, porém, também, descobrimos que aonde acreditávamos pisar em solo firme e seguro, todas as coisas são, na verdade, inseguras e em estado de alteração contínua”

É justamente essa tensão entre conhecimento e ignorância que deve ser discutida pela lógica do conhecimento (Popper, 1978). Esta colocação feita na terceira tese serve de base para a formulação de sua quarta tese, que trata da origem do conhecimento.

Para Popper, os problemas estão na origem do conhecimento (quarta tese). Qual é, no entanto, o significado de “problema” para Popper? Um problema seria a forma da tensão

entre conhecimento e ignorância já colocada anteriormente. A origem dos problemas está na discordância entre nosso suposto conhecimento e os fatos. Quando algo não está de acordo com o conhecimento que se tem observa-se uma tensão entre conhecimento e ignorância e há, portanto, o surgimento de um problema (Popper, 1978).

Os problemas, no entanto, devem ter valor e importância para a pesquisa científica também seja dotada desses atributos. Para tal, é preciso observar o caráter, a qualidade, a audácia e originalidade do problema apresentado, como é colocado na quinta tese (Popper, 1978).

Aqui, Popper toca num ponto ao qual retornará mais a frente quando faz a crítica ao método observacional, que pode ser identificado ao indutivismo. O pensador afirma que a observação somente pode ser considerada como ponto de partida do conhecimento se, a partir dela, surgir um problema. A observação pura e simples não é um ponto de partida para o trabalho científico, é preciso que ela crie um problema (Popper, 1978).

Em seguida, Popper apresenta, em sua sexta tese, seu método para as ciências. Ele não coloca explicitamente, mas o método apresentado é o método dedutivo da prova, exposto por ele na *Lógica da Pesquisa Científica* (1989), já visto anteriormente. Nesta tese, ele iguala as ciências sociais às naturais quando afirma que ambos os métodos consistem em “*experimentar possíveis soluções para determinados problemas*” (Popper, 1978). O método dedutivo da prova caracteriza-se pela constante exposição à crítica, tanto lógica quanto empírica, das soluções propostas para os problemas.

Disto decorrem duas observações importantes. A primeira é que o que não puder ser criticado será visto como não científico (Popper, 1978). Esta observação está em consonância com o que Popper apresentou a respeito do critério de demarcação entre as ciências e a metafísica em sua obra *A Lógica da Pesquisa Científica* (Popper, 1989). Segundo este critério, a teoria que não for faseável deve ser descartada do campo das ciências.

A segunda consiste na observação de que objetividade da ciência reside na objetividade do método crítico. Isto significa que

“nenhuma teoria está isenta do ataque de críticas; e, mais ainda, que o instrumento principal da crítica lógica – a contradição lógica – é objetivo”
(Popper, 1978).

Outra decorrência importante desse método é a provisoriedade do conhecimento. Segundo Popper (sétima tese), a tensão entre conhecimento e ignorância nunca é superada. Isso porque o conhecimento existente consiste apenas em sugestões para soluções dos problemas apresentados (Popper, 1978). Dessa forma, as teorias vigentes são apenas aquelas que resistiram às críticas feitas até então, não podendo nunca ser elevadas ao status de verdadeiras. Segundo ele (Popper, 1978):

“(...) a própria idéia de conhecimento envolve, em princípio, a possibilidade de que revelar-se-á ter sido um erro e, portanto, um caso de ignorância”

O caminho percorrido por Popper a partir da primeira tese culmina na conclusão, que é na verdade, o seu ponto de partida filosófico e sua tese central: a impossibilidade de atingir a verdade, dado o caráter provisório do conhecimento. Este reconhecimento é uma crítica ao ideal de razão do homem moderno, calcado na razão cartesiana, que afirma a possibilidade de enxergar a verdade. Em contraposição a essa idéia, Popper afirma a existência de uma razão limitada pela ignorância, ou seja, afirma a impossibilidade de apreender o mundo em sua totalidade. Como consequência dessa forma de ver o mundo, o pensador sugere uma razão fragmentada na qual as verdades são apenas provisórias (Ganem, 2009).

Segundo Ganem (2009), o método dedutivo da prova popperiano seria uma tentativa de correção da razão cartesiana. Ele acrescenta a prova ao método hipotético dedutivo, que pode ser denominada também de capacidade crítica. Daí sua auto-nomeação como um racionalista crítico.

A partir desse ponto, Popper parte para a crítica a dois mitos: o do indutivismo e o da neutralidade/objetividade científica. São desses dois pontos que a próxima sessão tratará.

II.2 – Crítica ao indutivismo e à neutralidade científica

Ainda na sétima tese Popper faz uma crítica ao que ele denomina de “*abordagem metodológica do naturalismo ou cientificismo*” (Popper, 1978). Esta seria a idéia de que as ciências sociais deveriam seguir o mesmo método das ciências naturais, identificado com o método indutivo. Dessa forma, as ciências sociais atingiriam, na medida do possível, o ideal de objetividade científica supostamente existente nas ciências naturais (Popper, 1978).

Para Popper (1978), essa visão naturalista é proveniente de uma abordagem errônea das ciências naturais, do mito que se criou em relação ao caráter indutivo do método das ciências naturais e ao caráter objetivo das mesmas. De acordo com pensador esse “naturalismo equivocado” alcançou um grande poder dentro das ciências sociais, como ele expõe em suas teses seguintes, quando faz a crítica ao indutivismo.

Nas teses de números 8, 9 e 10 Popper identifica o indutivismo como um método pseudocientífico, pois parte de observações e não de problemas. Essa crítica é proveniente da observação, feita por ele, de que havia ocorrido no pós Segunda Guerra uma valorização da antropologia enquanto referência dentro das ciências sociais, em detrimento da sociologia. Isso significava, segundo ele, uma vitória do método observacional utilizado pela antropologia. Método este que seria supostamente mais objetivo e tomado como o método das ciências naturais (Popper, 1978).

Após criticar o indutivismo, Popper parte para a desmistificação da questão da neutralidade científica. Ele afirma, em sua décima primeira tese, que a objetividade científica não depende da objetividade do cientista. E mais, afirma também ser errônea a perspectiva que vê a atitude do cientista natural como sendo mais objetiva do que a do cientista social (Popper, 1978).

Para Popper, a objetividade científica não está no cientista enquanto indivíduo, mas sim na crítica recíproca entre os cientistas (décima segunda e décima terceira tese). Por isso, a objetividade depende também de circunstâncias sociais e políticas que permitam e possibilitem a crítica. Sendo assim, segundo ele (Popper, 1978):

“A objetividade pode, somente, ser explicada em termos de idéias sociais como a competição (ao mesmo tempo entre cientistas individuais e de várias escolas); tradição (principalmente a tradição crítica); a instituição social (por exemplo, a publicação em vários jornais concorrentes e através de vários editores concorrentes); discussões em congressos; o poder do Estado (sua tolerância com o debate livre)”

Além disso, como ele coloca na décima quarta tese, a neutralidade é uma impossibilidade tanto nas ciências naturais quanto nas ciências sociais. O que pode ser feito é separar as questões extra científicas das questões científicas (como relevância, interesse, significância, fecundidade, força explicativa, simplicidade, precisão). Esta seria a tarefa permanente do criticismo científico.

Ademais, não só a objetividade a isenção de valores são impossibilidades na prática, esses atributos também são indesejáveis em um cientista. De acordo com o pensador (Popper, 1978):

“(...) não podemos roubar o partidatismo de um cientista sem também roubá-lo de sua humanidade, e não podemos suprimir ou destruir seus juízos de valores sem destruí-lo como ser humano e como cientista. (...) Portanto, o cientista ‘objetivo’ ou ‘isento de valores’ é, dificilmente, o cientista ideal.”

Finalmente, a exigência de neutralidade e isenção de valores por parte dos cientistas é, em si mesma, um valor. Com isso, a mesma torna-se contraditória. Popper afirma então que esse paradoxo desapareceria se essa exigência fosse substituída pela exigência de que a separação entre valores científicos e extra científicos deveria ser uma das tarefas da crítica científica (Popper, 1978).

Nas teses seguintes, Popper trata justamente da importância da crítica dentro da lógica dedutiva e, portanto, dentro de seu método dedutivo da prova.

II.3 – O papel da crítica para a lógica dedutiva

Em sua décima quinta tese, Popper coloca a importância da crítica para a lógica dedutiva de forma categórica (Popper, 1978):

“A função de mais importante da pura lógica dedutiva é a de um sistema de crítica”

Lógica dedutiva essa que é em essência a teoria da relação de consequência lógica. Em outras palavras, é a teoria da transmissão da verdade das premissas à conclusão (décima sexta tese). Com isso é possível afirmar pelo menos uma das premissas como falsa através da falsificação da conclusão (décima sétima tese). Ou seja, ela é também a teoria da retransmissão da falsidade da conclusão às premissas (Popper, 1978).

Dessa forma, a lógica dedutiva se torna a teoria da crítica racional (décima oitava tese). Isso porque, segundo ele, o criticismo racional consiste em demonstrar que se conclusões inaceitáveis podem ser derivadas da afirmação que esta sendo criticada. Se isto for comprovado, a afirmação pode ser rejeitada (Popper, 1978).

Popper então afirma, na décima nona tese, que as teorias, enquanto sistemas dedutivos, são utilizadas pela ciência por dois motivos. O primeiro é o simples fato de serem tentativas de solucionar os problemas. O segundo é o fato de que as teorias podem ser criticadas e, portanto, falsificadas através de suas consequências (Popper, 1978). O fato de serem passíveis de crítica as torna científicas, segundo o critério de demarcação apresentado por Popper na *Lógica da Pesquisa Científica* (Popper, 1989).

Na vigésima tese Popper reforça a impossibilidade de alcançar a verdade já contida no seu método dedutivo da prova. Uma teoria pode ser apenas uma melhor aproximação da verdade do que outra, o que ocorre se um enunciado tem consequências lógicas “mais” verdadeiras do que outro (Popper, 1978).

Nesta altura de sua apresentação, Popper retorna à crítica ao indutivismo. Assim o faz para introduzir a questão da autonomia da sociologia e, por fim, apresentar seu método para as ciências sociais.

II.4 – A sociologia como uma ciência autônoma e o Método da Lógica Situacional

Popper volta para a crítica ao indutivismo dizendo, em sua vigésima primeira tese, que não existe um método puramente observacional (Popper, 1978). O retorno a esse ponto serve para introduzir a questão da relação da psicologia com a sociologia. Segundo Popper (décima segunda tese) a psicologia pressupõe idéias sociais, o que faz com que não seja possível explicar a sociedade em termos exclusivamente psicológicos. Justamente por isso, como é explicitado nas vigésima terceira e vigésima quarta teses, a sociologia é independente da psicologia e não pode ser reduzida a ela (Ganem, 2009).

A partir dessa crítica ao psicologismo, Popper introduz, em sua vigésima quinta tese, seu método para as ciências sociais: o método da lógica situacional. Este seria um método de compreensão objetiva e que poderia ser desenvolvido de forma independente de idéias subjetivas ou psicológicas (Popper, 1978). Esse método consiste em explicar as ações do homem a partir de sua situação social. O que deve ser feito é analisar a situação de forma que elementos que pareçam psicológicos possam ser vistos como elementos objetivos da situação. Dessa forma, excluem-se todos os elementos psicológicos e os substitui por elementos objetivos situacionais (Popper, 1978).

Popper reconhece, em sua vigésima sexta tese, que as explicações da lógica situacional são geralmente falsas. Isso porque são reconstruções teóricas e racionais sendo, portanto, simplificadas e esquematizadas. No entanto, elas podem ser boas aproximações da verdade e melhores do que outras explicações testáveis. Aqui, Popper coloca a importância do conceito de aproximação da verdade para as ciências sociais, dado que este é racional, empiricamente criticável e capaz de melhorias (Popper, 1978).

Por fim, em sua vigésima sétima tese, Popper coloca que a lógica situacional admite um mundo físico sobre o qual o indivíduo age, mas também deve admitir um mundo social e, mais além, as instituições sociais. As instituições, segundo ele, determinam o caráter social do meio social em que vivemos. Nesse ponto, Popper faz uma importante ressalva dizendo que as instituições não agem, mas sim os indivíduos. Estes agem dentro, para ou através as instituições (Popper, 1978).

À guisa de conclusão, Popper afirma que a intranquilidade filosófica e religiosa seria consequência da descoberta socrática de que nada sabemos. Isso implicaria na impossibilidade de justificar as teorias racionalmente e nem provar que são prováveis. Popper coloca que é possível, entretanto, criticar as teorias racionalmente e, dessa forma, distingui-las de teorias piores (Popper, 1978).

CAPÍTULO III – A réplica de Theodor Adorno: sobre a lógica das ciências sociais

Neste capítulo apresentaremos a exposição de Theodor Adorno no Congresso da Sociedade de Sociologia Alemã, em 1961. Esta é uma réplica à exposição feita por Popper apresentada no capítulo 2. Para que a apresentação de torne mais clara, utilizaremos a metodologia utilizada por Ganem (2009). Segundo esta, as críticas de Adorno podem ser agrupadas em três grandes temas.

III. 1 – Crítica quanto ao método de Popper e à natureza do objeto

Adorno começa sua exposição a partir da diferenciação feita por Popper entre a abundância do conhecimento e a ignorância ilimitada. Para ele essa diferenciação pode acabar por relegar à sociologia a tarefa de esclarecer métodos e ter como implicação a desaprovação de reflexões teóricas sobre a sociedade e sua estrutura (Adorno, 1986).

Segundo o pensador frankfurtiano, o não conhecimento não pode ser superado através de uma síntese, pois este não saber reflete a divergência entre a sociedade (objeto) e o método tradicional utilizado por Popper (Ganem, 2009).

Método este que Adorno enxerga como uma tentativa de explicação simplista e unívoca. Dessa forma, fracassaria diante do objeto de estudo complexo, dicotômico e contraditório que é a sociedade. Segundo ele (Adorno, 1986):

“Mas o ideal de conhecimento de uma explicação unívoca, simplificada ao máximo, matematicamente elegante, fracassa quando o próprio objeto, a sociedade, não é unívoca nem simples, nem tampouco se sujeita de modo neutro ao arbítrio da formação categorial, pois difere daquilo que o sistema de categorias da lógica discursiva antecipadamente espera. A sociedade é contraditória e mesmo assim determinável; a um só tempo racional e irracional, sistemática e

caótica, natureza cega e mediada pela consciência. Os procedimentos da sociologia devem curvar-se ante isso. Caso contrário, ela está fadada, por ânsia puritana contra a contradição, a envolver-se na mais fatal: aquela entre a sua estrutura e a do seu objeto”

Adorno coloca que a prioridade dada à clareza e à exatidão faz com que as ciências sociais corram o risco de não atingir seu objeto de estudo. Sendo assim, a superação do não saber dificilmente poderá ser alcançada por um conhecimento que nega a estrutura de seu objeto em prol da metodologia (Adorno, 1986).

Em um ponto, no entanto, Adorno concorda com Popper: na insustentabilidade do empirismo em sua concepção mais “pura”, o que pode ser identificado ao que Popper denominava método observacional. Mas Adorno coloca essa questão em seus próprios termos. Segundo ele, a antecipação do momento estrutural é essencial para que as observações singulares tenham relevância. No entanto, a essência do todo está justamente no movimento daquilo que o compõe e é singular (Adorno, 1986). Dessa forma, ele coloca que (Adorno, 1986):

“O sistema e sua singularidade são recíprocos e somente reconhecíveis em sua reciprocidade”

Outro ponto em que há uma concordância entre os dois pensadores é na posição contrária que ambos têm em relação à transposição do método das ciências naturais para as ciências sociais, ao “cientificismo metodológico” (Adorno, 1986). É nesse ponto que Popper diz que os problemas são o início do conhecimento e não meras observações, como seria no que é tido como o método das ciências naturais (Popper, 1978). Adorno vai mais além na questão colocada por Popper da primazia dos problemas, pois identifica o objeto do conhecimento, ou seja, a própria sociedade como um problema (Adorno, 1986).

Dessa forma, os problemas da sociologia não necessariamente são provenientes de uma falha em nosso pretensão saber, de uma contradição entre sujeito e objeto, de uma insuficiência de julgamento por parte do sujeito. A contradição pode residir no próprio

objeto e, assim, não desapareceria devido a um aumento do conhecimento ou mesmo a uma formulação mais clara (Adorno, 1986).

Podemos ver, então, que a concepção de problema é diversa para Popper e Adorno. Enquanto para o primeiro esta é de caráter puramente epistemológico, o segundo afirma que o que existe é uma situação problemática do mundo, algo de caráter prático (Adorno, 1986).

No tocante a este tema, Adorno faz uma importante afirmação. Segundo ele, a concepção do caráter contraditório da sociedade não sabota o conhecimento desta e nem o entrega ao acaso. Isto porque há a possibilidade de se entender essa contradição como necessária e ampliar a racionalidade até ela (Adorno, 1986). Dessa forma, a racionalidade incluiria a contradição como parte da investigação sobre a sociedade (Yazbek, 2006).

Nesta altura de sua exposição, Adorno traz à luz a questão da objetividade científica. Para tal, ele continua tratando do tema da tensão entre método e objeto.

III.2 – Crítica quanto à objetividade científica

Adorno afirma que há uma prioridade do objeto, ou seja, o método depende não do ideal metodológico, mas sim do objeto estudado. Segundo ele, Popper teria, implicitamente, levado isso em consideração ao colocar a prioridade dos problemas, pois o grau de significação e interesse destes estaria diretamente ligado à qualidade do desempenho da pesquisa científica (Adorno, 1986).

Por trás dessa concepção, diz Adorno, está a idéia de que a obediência ao primado do método em detrimento do objeto pode levar as investigações sociológicas a serem irrelevantes. De acordo com ele (Adorno, 1986):

“Isso ocorre quando apenas se deseja desenvolver métodos, ou quando se seleciona de antemão os temas de tal forma que eles possam ser tratados com os métodos já existentes”

No entanto, Adorno faz uma importante ponderação sobre o fato de que nem sempre é possível estabelecer um julgamento *a priori* a respeito da relevância dos problemas. Sendo assim, a exigência de relevância do problema não pode se tornar um dogma. Ao invés disso, propõe Adorno, a legitimação da escolha do tema a ser pesquisado seria proveniente do que o sociólogo consegue depreender do objeto escolhido (Adorno, 1986).

Aqui Adorno faz um comentário a respeito dos atributos conferidos por Popper ao verdadeiro método científico. Em paralelo à relevância do problema, Popper coloca que o método deve possuir as seguintes características: honestidade, simplicidade e linearidade (Popper, 1978). Adorno afirma que estes ideais não são inquestionáveis quando se trata de um problema complexo (Adorno, 1986).

Para Adorno, o verdadeiro método científico deveria ser identificado segundo outros atributos. Segundo ele, deveria ser dado um peso maior ao arrojo e à peculiaridade da solução proposta quando fosse analisada a qualidade de uma pesquisa científica (Adorno, 1986).

No que diz respeito à honestidade, esta muitas vezes pode significar uma concordância com o senso comum. O pesquisador visto como honesto pode ser identificado com aquele que pensa o que todos pensam e, dessa forma, não pretende enxergar algo de especial no problema estudado (Adorno, 1986).

Quanto à linearidade, Adorno afirma que o caminho através do qual se chega a um conhecimento nem sempre é possível de ser antecipado. Por vezes, a solução é anterior à formulação do problema. O fato de a sociedade como um todo abrangente e fechado em si mesmo vir antes de suas manifestações individuais faz com que algumas percepções sociológicas tenham origem no conceito de sociedade. Só posteriormente estas são transformadas em problemas sociológicos particulares (Adorno, 1986).

Sendo assim, ele faz uma crítica à forma como as teorias do conhecimento vêm sendo concebidas. Tanto o método indutivo quanto o dedutivo foram concebidos de cima pra baixo e tentaram descrever o conhecimento segundo um método lógico. No entanto, nem o método

da lógica formal, nem o da lógica situacional (formulado por Popper) conseguem dar conta do objeto. Este, em última análise, escapa à conformidade dos métodos formais. (Ganem, 2009).

Adorno coloca então o que para ele deve ser uma das novas tarefas da teoria do conhecimento. Esta seria uma reflexão sobre como se processa o conhecimento, e viria em contraposição à tentativa de tentar descrever previamente o desempenho do conhecimento segundo um modelo lógico ou científico (Adorno, 2006).

III. 3 – Críticas quanto à natureza da crítica e da sociologia

Popper salienta o caráter decisivo da crítica para o método das ciências sociais e Adorno concorda com a afirmação de que conhecimento sociológico é crítica (Adorno, 1986). O último, no entanto, analisa de forma mais detida o conceito de crítica popperiano.

Em Popper, se uma solução não for passível de ser criticada ela deve ser considerada como não científica. Adorno observa que, se essa crítica significar uma redução aos fatos, perder-se-ia o momento de antecipação que é essencial à sociologia. Os fatos não são a última instância da sociedade, dado que eles mesmos são mediados por esta (Adorno, 1986).

Ademais, como Popper também reconhece, alguns pensamentos não são passíveis de serem testados e, ainda sim, são verdadeiros. Não é possível, por exemplo, demonstrar a dependência de nenhum fenômeno social em relação ao todo através de testes ou experimentos. Adorno então afirma que para que a sociologia não se confunda com modelos das ciências naturais, o conceito de experimento deve se estender ao pensamento crítico que, saturado pela força da experiência, ultrapassa-a para compreendê-la (Adorno, 1986).

Adorno também coloca que o trabalho crítico da sociologia não deve se restringir a uma autocrítica (reflexão sobre suas proposições, teoremas, aparatos conceituais e métodos). Ele deve ser, ao mesmo tempo, uma crítica ao objeto, à sociedade. Segundo ele (Adorno, 1986):

“O caminho crítico não é apenas formal, mas também material; sociologia crítica, se seus conceitos quiserem ser verdadeiros, é, conforme sua própria idéia, necessariamente também crítica da sociedade”

Adorno também critica a afirmação de Popper de que deve haver uma separação entre valores científicos e extra científicos. Isso porque, para o frankfurtiano, valores são reificações. Dessa forma, o que é considerado como valor não se relaciona externamente com o objeto, mas sim é intrínseco a ele (Adorno, 1986).

A concepção de sociedade correta, em torno da qual a sociologia cristaliza-se, viria então não de valores, mas sim da crítica. Crítica esta que significaria a consciência da sociedade a respeito de suas contradições e necessidades. Adorno amplia a afirmação de Popper de que apesar de não ser possível justificar racionalmente as teorias pode-se criticá-las racionalmente. Para o frankfurtiano isto deveria valer não só para as teorias, mas também para a própria sociedade (Adorno, 1986).

Isso, porque, finaliza Adorno, a experiência do caráter contraditório da sociedade é o que constitui a possibilidade de existência da sociologia (Adorno, 1986). Segundo ele (Adorno, 1986):

“Só para quem pode conceber a sociedade como outra que não a existente é que, na linguagem de Popper, a sociedade se torna um problema; só através daquilo que ela não é, é que ela vai revelar-se como aquilo que é”

Para Adorno, houve uma desistência da sociologia em propor uma teoria crítica da sociedade. Isso, então, faz com haja também uma desistência em pensar a sociedade como um todo e , portanto, em alterá-la (Adorno, 1986). A razão fragmentada popperiana seria uma negação dos fenômenos coletivos e a expressão dessa desistência da sociologia em relação à necessidade de modificação da sociedade (Ganem, 2009).

Considerações Finais

Esse trabalho teve como objetivo trazer o debate entre Popper e Adorno em torno da lógica das ciências sociais com objetivo de fomentar a reflexão sobre a metodologia, um tema de extrema importância para qualquer pesquisa e pouco abordado na área das ciências econômicas.

Os dois autores foram escolhidos por serem simbolicamente representantes de duas importantes correntes de pensamento do século XX, que influenciam até hoje a forma de pensar da ciência moderna e das ciências sociais. Popper é o representante dos racionalistas críticos, enquanto Adorno representa os dialéticos da Escola de Frankfurt.

Ao longo dessa monografia as diferentes perspectivas de Karl Popper e Theodor Adorno acerca da lógica das ciências sociais foram expostas. O debate entre os dois se centrou em temas como o método para as ciências sociais; o objeto de estudo da mesma, ou seja, a sociedade; a natureza desse objeto; o papel da crítica dentro deste método; a possibilidade ou impossibilidade de se pensar e modificar a sociedade.

Vimos que, majoritariamente e nos pontos mais relevantes, os dois autores discordam a respeito dos temas citados. Ademais, eles também conferem diferentes significados aos mesmos termos e conceitos. Com isso, observa-se que o confronto de idéias reside na concepção fundamental do que é e que finalidades têm as ciências sociais e seu método.

Para Popper, há uma impossibilidade de se atingir a verdade, a razão está fragmentada e devemos aceitar as teorias apenas como as “melhores disponíveis” até então. A ciência progride por tentativas e erros e a falseabilidade é o critério de demarcação entre a ciência e a metafísica.

Já Adorno, enxerga nesse método racionalista uma insuficiência como meio de apreender a sociedade. Isso porque, segundo ele, a sociedade em si é um problema no sentido popperiano da palavra. O objeto da pesquisa científica, a sociedade, é demasiadamente complexo e contraditório e deve ser pensado como tal se as ciências sociais quiserem

conseguir conhecer mais sobre ele. Adorno vê na possibilidade de pensar a sociedade um começo para modificá-la.

Duas posições tão diferentes não poderiam gerar um debate simples. Mais uma vez ressaltamos que a exposição feita nessa monografia não visa esgotar a análise desses dois autores no que diz respeito ao método das ciências sociais. Nosso objetivo foi apresentar idéias e conceitos desses grandes autores que contribuíssem para tratar alguns pontos do debate e com isto possibilitar um maior aprofundamento sobre o tema num momento posterior.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. O Conceito de Esclarecimento. In: **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ADORNO, Theodor. Sobre a Lógica das Ciências Sociais. In: Gabriel Cohn (org), **Theodor W. Adorno. Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1986

_____. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

CHALMERS, A.F. Apresentando o Falsificacionismo. In: **O Que É Ciência, Afinal?** Tradução de Raul Filker. Brasília: Editora Brasiliense, 1993, p. 64-77

_____. Falsificacionismo Sofisticado, Novas Previsões e o Crescimento da Ciência. In: **O Que É Ciência, Afinal?** Tradução de Raul Filker. Brasília: Editora Brasiliense, 1993, p. 78-89

GANEM, Angela. **Karl Popper versus Theodor Adorno: Lições de um Confronto Histórico**, 2009. Anais do XXX VII Congresso da ANPEC e Revista de Economia Política, S.P, Editora 34. (no prelo)

KONDER, Leandro. **O Que É Dialética**. Brasília: Editora Brasiliense, 2007

PERIUS, Oneide. **Esclarecimento e Dialética Negativa: Sobre o Além do Conceito em Theodor Adorno**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

_____. Lógica das Ciências Sociais. In: **Lógica das Ciências Sociais**. Tradução de Estevão de Rezende Martins et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.

_____. Razão ou Revolução? In: **Lógica das Ciências Sociais**. Tradução de Estevão de Rezende Martins et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.

YASBEK, André. A “**Disputa do Positivismo na Sociologia Alemã**”: o Confronto entre **Karl Popper e Theodor Adorno no Congresso de Sociologia Alemã de 1961**, 2006. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/010/10yazbek.htm>>